

A CASA E AS MÚLTIPLAS VERSÕES DO MODERNO EM REVISTA

A CASA AND THE MULTIPLE VERSIONS OF THE MODERN IN MAGAZINE

Marize Malta *

Correspondência

PPGAV-EBA-UFRJ.

Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da Reitoria, sala 701, Cidade Universitária.

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil. CEP: 21941-901.

E-mail: marizemalta@eba.ufjf.br

Resumo

O periódico *A Casa*, revista das construções modernas, como chegou a ser chamado, foi fundado no Rio de Janeiro em 1923, encerrando-se em 1940. A partir da análise crítica da sua visualidade e de seu conteúdo, em quase 20 anos de tiragem, procuramos compreender como as ideias de modernidade foram apresentadas e negociadas, tendo as casas e seus ambientes como lugares privilegiados de discussão. Ancorados pelos estudos de cultura visual, intertextualidade e história da arte, foram avaliados discursos visuais e textuais ofertados ao leitor como construtores de sentido, percebendo as variadas facetas de representação da modernidade e os modos de conquistá-la na decoração do lar.

Palavras-chave: *A Casa*; revista; modernidades.

Abstract

The journal *A Casa (The House)*, magazine of modern buildings, how it came to be called, was founded in Rio de Janeiro in 1923, ending in 1940. Based on the critical analysis of its visuality and its contents, in almost 20 years of circulation, we seek to understand how modern ideas were presented and negotiated, with the houses and their environment as privileged spaces of discussion. Based on studies of visual culture, intertextuality and history of art, we appreciate visual and textual discourses that were offered to the reader as constructors of meaning, realizing the various facets of representation of modernity and the ways of conquering it in the decoration of the home.

Keywords: *A Casa*; magazine; modernities.

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de História da Arte, Artes Decorativas e Ambiências Interiores na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A casa, lugar onde passamos boa parte de nossas vidas, lugar de escape e decisões, de convívio e solidão, de interioridade e representação, espaço do indivíduo, da família e também das visitas, é uma das geografias privilegiadas para se perceber os níveis de introjeção, acomodação e exibição da modernidade de determinado grupo social e cultural.¹

Tratar do tema da casa acompanha o desejo de penetrar no complexo mundo estético e simbólico dos interiores, onde desenvolvemos nossos modos de vida e somos moldados por suas imagens e espacialidades.² Lugar de múltiplos interesses de estudo:³ espaço para se explorar a relação entre gênero e cultura material, classe socio-cultural e domesticidade, esquemas decorativos e estados psicológicos, formas de viver e formas de casa, produtores e consumidores, individualidades e coletividades, visualidades e materialidades, em diálogos que permeiam o lado de dentro com o lado de fora, as esferas do privado com as do público.

Quer saber se uma determinada família se modernizou? Olhe para sua casa. Veja como reparte seus espaços, incorpora a tecnologia, reveste suas superfícies, considera o conforto, prepara-a para o convívio social, ocupa com certos móveis e objetos. A partir dessa premissa, optamos por refletir sobre os modernismos no Brasil, explorando um periódico que não só trata de casas, mas usa o substantivo como seu título: *A Casa*.⁴ Avaliar as casas é um meio rico e complexo para perceber os diferentes níveis de introjeção, acomodação e exibição da modernidade de determinados grupos socioculturais.

Tratar de casa em revista é assumir uma abordagem intertextual, que procura evidenciar “como escrita e desenho se combinam, ou como leitura e olhar se complementam”⁵ e constroem significados, como também tem sublinhado W. J. T. Mitchell⁶ em estudos de cultura visual aliados à história da arte. Cultura visual está sendo considerada como o estudo da construção cultural e social da experiência visual e desenvolvida em termos de ‘sistema de significados’ (instituições, objetos, práticas, valores e crenças) por meio do qual cada sociedade é visualmente constituída, reproduzida e contestada, conforme orienta Malcolm Barnard.⁷

¹VV.AA. *Storia della casa*. Milano: Rizzoli, 1968. BRYSON, Bill. *Uma breve história da vida doméstica*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011. O MUNDO DOMÉSTICO. Rio de Janeiro: Time-Life/Abril, 1993.

²MALTA, Marize – *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011.

³ Cf. MCKELLAR, Susie; SPARKE, Penny (eds.). *Interior design and identity*. Manchester/New York: Manchester University Press, 2004.

⁴ O periódico foi tratado originalmente por VIANA, Marcele Linhares. *Mobiliário neocolonial: a busca pela tradição na modernidade nacional (1920-1940)*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

⁵ KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo et al. *Revistas ilustradas*. Modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011, p. 7-17, p. 7.

⁶ MITCHELL, W. J. T. *Picture theory; essays on verbal and visual representation*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994 e *What do pictures want?* Chicago: University of Chicago Press, 2005.

⁷ BARNARD Malcolm. *Approaches to understand visual culture*. London: Palgrave, 2001 e *Art, design and visual culture: an introduction*. London: Macmillan Press, 1998.

Visualmente, por meio das representações em revista, vislumbra-se não uma casa existencial, arquetípica, mas muitas delas, casas em papel – projetadas – e reais – construídas, todas impressas em papel, por desenhos e fotografias, com textos e grafias que dão conta de uma realidade complexa e repleta de matizes e modernidades. Nas representações das casas e seus interiores não se vislumbra um discurso coeso e uníssono de modernidade, mas variadas gamas de como ser moderno em casa, diferentes modos de absorver os muitos apelos da modernidade, complexificando e relativizando os sentidos de moderno, podendo se perceber como os discursos de inovação e tradição foram apropriadas pelas casas e como as casas assumiram ser modernas de diversos modos e variadas linguagens.

Cada periódico editado também procurava desenvolver noções particulares de modernidade e não apenas nos discursos das letras. Nos projetos gráficos, nas escolhas das imagens a serem veiculadas, das capas e dos colaboradores escolhidos, dos projetos veiculados de casas e sua decoração, dos anunciantes aceitos, que dotavam a revista de uma certa “cara”, personalidade, compatível para um certo público desejoso por se modernizar.

Casas em periódicos

O tema da casa, no Brasil, esteve presente em vários periódicos ao longo do século XIX, com ênfase para as últimas décadas, ora em aspectos construtivos, históricos, higienistas, ora como cenário de folhetins, de crônicas, de colunas sociais. Orientações sobre a decoração, o trato com os criados, o modo de dispor os artefatos e boas maneiras de receber foram temas que percorreram algumas páginas de jornais e revistas, mas apenas sob forma de seções, sem merecerem um empreendimento editorial exclusivo sobre si.

No século XX, a prática se manteve: “Construções Modernas” na revista *Para Todos*; “Vivendas Pitorescas” na *Selecta*; “Nossas Vivendas” na *Fon-Fon! Casas existentes, casas de famosos, projetos para futuras casas* sugeriam diferentes graus de modernismos portas adentro, visando o público leigo. Para os profissionais, com linguagem mais técnica, podemos relacionar a *Revista do Clube de Engenharia*, de 1887; a *Revista Brasileira de Engenharia*, de 1921; *Architectura no Brasil*, com o subtítulo *Engenharia/Construção: Revista Ilustrada de Assuntos Técnicos e Artísticos*, de 1921-26 (editada pelo Instituto Brasileiro de Arquitetos/Sociedade Central de Arquitetos) (fig. 1A).

Foi a partir da década de 1920 quando aconteceu um maior investimento em periódicos sobre casas, pelo ramo da engenharia, arquitetura ou decoração. Priorizando os aspectos decorativos, havia *Mobiliário & Decorações*, com sobrevivência de 1922 a 1924; *Arte & Decoração*, publicada em 1924 e 1925; *Arte & Commercio*, de 1924-25.

Em 1929, desenvolvida por Moacyr Fraga, aluno do curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, foi lançada a revista *Architectura: Mensario de Arte* (fig. 1B), direcionada a divulgar projetos de casas, principal demanda dos arquitetos à época, e atrair futuros clientes. Foi um dos principais veículos de divulgação da arquitetura de estilo Missões, interpretação neocolonial de influência espanhola na América, de grande repercussão na Califórnia, Estados Unidos.⁸ Percebe-se que os periódicos acabavam por assumir certas linhas editoriais conforme os partidos arquitetônicos veiculados.



Figura 1. Capas de revistas de arquitetura.

Figura 1A. Capa da revista *Architectura no Brasil; Engenharia e Construção*, n.1, outubro de 1921.
Figura 1B. Capa da revista *Architectura, Mensario de Arte*, junho de 1929.

Alguns periódicos se propunham ser porta-vozes da arquitetura moderna de vanguarda, priorizando publicações de projetos e artigos que afirmassem sua atualidade, seus benefícios, suas implicações ideológicas. Nessa seara, podemos citar *Acropole*, de 1938; *Habitat*, de 1950; *Brasil Arquitetura Contemporânea*, de 1953; e *Módulo*, de 1955. Com essas datações evidencia-se que somente na década de 1950 a arquitetura moderna se consolidou em termos de produção editorial.

⁸ATIQUÉ, Fernando. Um sotaque disfarçado: A recepção de referências americanas no curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes. *19&20*, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_atique.htm. Estilo Missões corresponde a um movimento da Arquitetura de índole historicista, surgida no início do século XX na Califórnia, Estados Unidos, baseado nas edificações coloniais hispano-americanas da época das missões franciscanas. Obteve grande impulso após a abertura do Canal do Panamá e do sucesso do romance *Ramona*, de Helen Hunt Jackson, que tinha como cenário a Alta Califórnia.

Cabe uma ressalva em relação ao termo moderno, tão abrangente e por vezes cheio de especificidades e contradições. Melhor utilizarmos moderno no plural – os modernos – para fazer jus às suas várias vertentes e modalidades. Como lembra Compagnon,⁹ os primeiros modernos, como o poeta Baudelaire e o pintor Manet, não se colocavam além de seu tempo. Havia um rompimento com o passado, mas sem projeção para o futuro, como afirmação do presente. Os artistas modernos de vanguarda, por outro lado, colocavam suas proposições no futuro, radicalizando seus vínculos com o passado.

No caso das moradias, no que tange aos interiores, sua ocupação e organização, a questão da modernização estaria mais nos vários graus de introjeção das mudanças de hábitos e comportamentos afeitos à vanguarda, da incorporação dos avanços tecnológicos, acompanhada da adoção de novas diretrizes estéticas, afetando os modos de morar já arraigados.

No Brasil, os vários modernismos ainda estiveram comprometidos com questões nacionalistas. Como ressalta Couto:

Todavia, no caso dos países periféricos, que constroem sua história em um diálogo inevitável e muitas vezes tenso com as metrópoles, a assimilação dos ideais vanguardistas não se deu de forma imediata nem tampouco linear. As noções de originalidade e de autenticidade foram, em muitos momentos, incorporadas à necessidade de construção de uma arte com características “especificamente” nacionais e que pudesse, em seguida, representar dignamente o país no exterior.¹⁰

Se na década de 1920 iremos assistir a algumas manifestações de arquitetura modernista, em especial em São Paulo, trazidas por Gregori Warchavchik, por exemplo, como a casa modernista da rua Santa Cruz (1927-28) e a casa modernista da rua Itápolis (1929-30), elas não foram predominantes em termos de consumo, afetando pouco os interiores das casas da elite brasileira, o que pode ser percebido nos periódicos que tratam de arquitetura e de casas. As revistas funcionavam como sintomas da produção arquitetônica nacional e das opiniões predominantes sobre os movimentos arquitetônicos em voga, mas também como promotoras de outros modernismos, por meio de seus discursos textuais e visuais.¹¹

⁹ COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

¹⁰ COUTO, Maria de Fátima Morethy. Modernos ou vanguardistas: a construção do moderno na arte brasileira da primeira metade do século XX. *Vanguarda e modernidade nas artes brasileiras*. Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos_pdf/fatima_morethy.pdf

¹¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

A historiografia priorizou os estudos sobre a arquitetura modernista brasileira,¹² com especial atenção para a chamada escola carioca de arquitetura, relegando para segundo plano, ou mesmo ao esquecimento, outras linguagens manifestadas na arquitetura e nos interiores, esta última área ainda menos contemplada nas pesquisas sobre casas. Mesmo o Rio de Janeiro, que se destacou no cenário da arquitetura de vanguarda, não assistiu a transformações significativas desse tipo de modernismo nos interiores das casas e apartamentos da cidade. Os interiores foram bem mais variados e múltiplos.

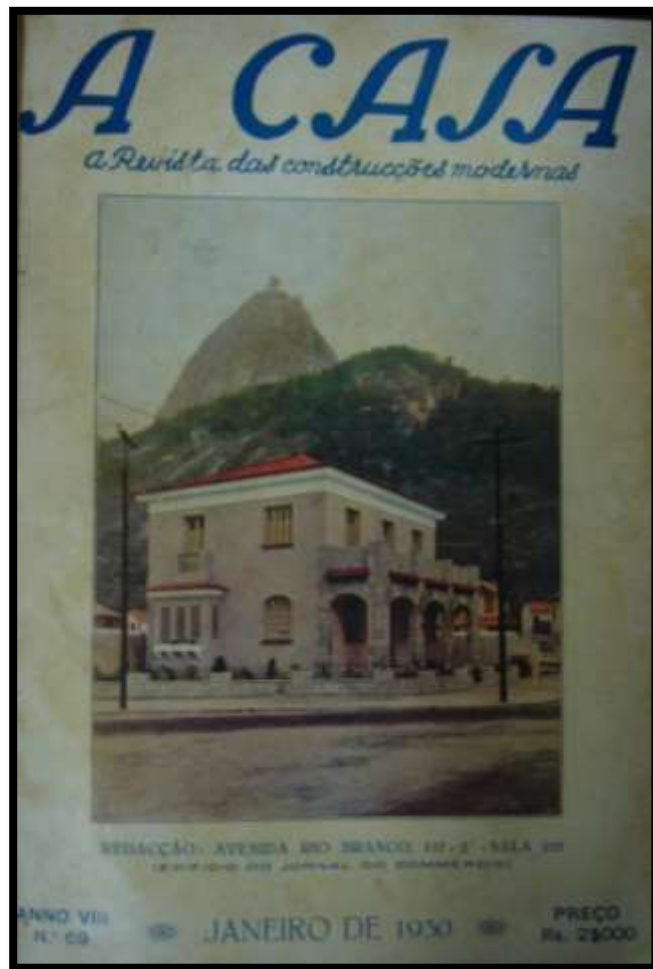


Figura 2. Capa da revista *A Casa*, n. 69, de janeiro de 1930.

Revista *A Casa*

No periódico *A Casa* podemos encontrar diversos discursos de modernos, avaliados por meio de materialidade, visualidade, literalidade; pelos editoriais; pelos agentes e destinatários; por seus aspectos gráficos (grafias do título; as capas; projeto gráfico do miolo); pelas temáticas e seções apresentadas; por meio dos projetos de casas (com fachadas, plantas-baixas, interiores); pelas casas existentes apresentadas,

¹² Podemos considerar como exemplos o pioneiro livro de Yves Bruand, passando por Hugo Segawa e chegando a Lauro Cavalcanti. BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1997. CAVALCANTI, Lauro Augusto de Paiva. *Quando o Brasil era moderno*. Guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. Para uma síntese da historiografia da arquitetura brasileira, veja MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. *Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 011.06, Vitruvius, abr. 2001. Disponível em: <http://ejmufpi.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.011/903>.

a partir de fachadas e interiores; pelas propagandas veiculadas. Cada um desses aspectos representa certa ideia de moderno, não exatamente coincidente, mas que juntos sintetizam as variadas formas de ser moderno em casas no Rio de Janeiro.

A revista *A Casa*, de periodicidade mensal, possuía inicialmente como subtítulo *Revista de Engenharia, Arquitetura e Arte Decorativa*, sobrevivendo de 1923 a 1945. Seu criador e primeiro editor foi M. Segadas Viana, tendo como redatores os engenheiros civis A. Segadas Viana e Braz Jordão, com a redação localizada na Avenida Rio Branco, 117, sala 25, prédio do Jornal do Comércio, na cidade do Rio de Janeiro.

Para o presente artigo, trabalhamos com os periódicos de janeiro de 1928 até dezembro de 1941, que corresponde à coleção pertencente ao setor de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro,¹³ portanto material de consulta para os estudantes de arquitetura que se formavam pela Escola Nacional de Belas Artes. Em propaganda, no ano de 1928, a revista se referenciava como única do gênero, reunindo arquitetura e engenharia de todas as partes do mundo:

A Casa

É a revista, unica no genero, que trata de architectura e de trabalhos de engenharia realizados em todas as partes do mundo. Os seus artigos constituem agradavel leitura e são de fácil comprehensão. Com 20\$000 apenas tem-se a assignatura da “ A CASA ” por um anno. Pelo mesmo preço são obtidas as collecções atrazadas do anno de 1926 e 1927.

M. SEGADAS VIANNA

Avenida Rio Branco, 117-2 and. – sala 225

Teleph. N. 5463. Rio de Janeiro.¹⁴

O periódico também costumava ofertar serviços de projetos, a partir do seu escritório técnico:

Vae construir?

Siga o nosso conselho: mande fazer um projecto, com especificações e com esses documentos peça preço a dous ou tres constructores de confiança.

Confie a execução de seu projecto a um bom architecto.

Estamos em optimas condições para nos encarregarmos desse serviço. Nosso escriptorio dispõe de bons architectos e engenheiros especializados em construcção. Preços muito modicos. Entregue-nos seu serviço.

¹³A biblioteca de Obras Raras da EBA-UFRJ (EBAOR) é decorrente do acervo bibliográfico da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), posteriormente denominada de Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), quando do advento da República, sendo incorporada à universidade em 1931 - Universidade do Rio de Janeiro, depois Universidade do Brasil (1937) e, finalmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mesmo que o curso de Arquitetura tenha se desligado das Belas Artes em 1945, tornando-se uma unidade autônoma, muitos livros e revistas permaneceram com a biblioteca da ENBA.

¹⁴ Propaganda da revista *A Casa*, n. 47, março de 1928, p. 15.

Escritório técnico da
Revista A CASA
Edifício do “Jornal do Commercio”.
Av. Rio Branco, 117-2º andar-sala 225.
Telephone Norte 5463
Rio de Janeiro.¹⁵

O escritório ocupava o mesmo lugar da redação, funcionando a revista, desse modo, em termos de autopropaganda e valorização dos serviços profissionais do arquiteto e do engenheiro. Tais formações, a princípio, conquistadas em cursos universitários, estariam mais balizadas para projetar moradias atualizadas tecnologicamente, bem construídas e pensadas em termos de modernidade. E essa modernidade era pensada de forma plural, não existindo apenas uma, mas vários modos de ser moderno.

Em janeiro de 1931, a revista passou para uma nova direção: M. L. Jordão & Cia., reunindo Braz Jordão, o antigo redator, e J. Cordeiro de Azevedo, arquiteto formado pela Escola Nacional de Belas Artes, mantendo-se a redação no mesmo lugar.¹⁶ A partir de janeiro de 1931, o periódico assumiu outra vertente, com foco no público feminino e, mesmo com subtítulo “revista literária, de arquitetura, arte decorativa”, era assumidamente uma revista “dedicada ao lar”. Em agosto do mesmo ano, a palavra engenharia desapareceu do subtítulo (“revista de arquitetura e arte decorativa”), reaparecendo em janeiro de 1934 (“revista de engenharia e arquitetura”). Ampliou seu escopo em 1937 (“arquitetura, urbanismo, engenharia, artes decorativas”), ainda mais alargado em janeiro de 1938 (“revista de arquitetura e engenharia – urbanismo, arte decorativa, construções, topografia”). Como todo empreendimento comercial, o produto se moldou às contingências das demandas do público consumidor e dos anunciantes para sobreviver.

Desde os primeiros números, as capas de *A Casa*, e as grafias do título da revista, não investiam em projetos arrojados, na linha da revista *Klaxon*, com composição a partir de uma tipografia própria e de impacto, ou de *O malho e Paratodos* com a inconfundível investida original do artista gráfico J. Carlos,¹⁷ cujas modernidades passavam pelos projetos visuais, por tipologias de letras, cores, contrastes e traços que postulavam seu lugar nos espaços da vanguarda.

Inicialmente, havia preferência por compor a capa com uma moldura desenhada por linhas geométricas, ao gosto *art déco*, formando um retângulo escalonado para a inserção do desenho ou fotografia de uma casa (fig. 3A). Outra solução, também usada nos anos 1920, foi a moldura desenhada, menos rebuscada, com abertura trapezoidal para inserção da imagem da casa (fig. 3B). Neste caso, a parte de baixo, onde o título se localizava, compunha desenhos de um templo grego à esquerda e uma casa moderna do lado direito. Nos anos 1930, as molduras desapareceram e a

¹⁵ Propaganda do escritório técnico da revista A Casa, n. 50, junho de 1928, p. 51.

¹⁶ Em fins de 1941, com dificuldades financeiras, foi incorporada pela editora O Construtor S. A.

¹⁷ SOBRAL, Julieta Costa. J. Carlos, designer. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design*. Aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 124-159.

fotografia preencheu toda a capa (fig. 4A), servindo de fundo para todas as informações que se sobrepunham à imagem, o que permitia destacar a construção e a veiculação instantânea das construções mais recentes edificadas pelo país. Semelhante aos quadros da arte de vanguarda, as rebuscadas molduras foram sendo abandonadas, na medida em que não havia mais necessidade de combinar as duas realidades – a do quadro e a da parede, frente à constituição de uma especificidade de realidade – a da pintura, que conquistava autonomia. Da mesma forma, a imagem da casa – fotográfica – passou a ocupar toda a capa da revista, postulando uma autonomia de representação e de destaque frente a outras tipologias arquitetônicas.

Durante os anos 1920, a grafia do título da revista assumiu duas tipologias (fig. 3). Uma de linhas angulosas e pontudas, como instrumentos de desenho ou as letras feitas a partir deles, sublinhando a tecnologia indispensável para a consecução da ideia arquitetônica, apesar das curvas bem marcadas (fig. 3B). A outra, que predominou e se estendeu até início dos anos 1930, assumiu tipografia arredondada e inclinada para direita, como se fosse escrita à mão, com uma ponta grossa arredondada de um pincel atômico (conhecido também por *pilot*), e os terminos finalizados em arredondados (figs. 3A e 4A). Esta grafia apresentava um ar mais informal, menos técnico, mostrando sua acessibilidade a um público amplo, não profissional. Em 1933, o título passou a ser apresentado com letra sem serifa, ao gosto modernista, limpa e sem qualquer excesso, semelhante à fonte arial (fig. 4B), ficando geralmente a capa subdividida por 3 faixas, a superior com o título, a do meio com a imagem e a inferior com as demais informações (número, data, preço, etc.), transmitindo, desse modo, uma semântica mais racionalista, ordenada, com cada coisa em seu lugar.



Figura 3. Capas da revista *A Casa* do ano de 1928.

Figura 3A (esq.). *A Casa*, de maio de 1928.

Figura 3B (dir.). *A Casa*, de junho de 1928.



Figura 4. Capas da revista *A Casa* da década de 1930

Figura 4A (esq.). *A Casa*, de dezembro de 1931.

Figura 4B (dir.). *A Casa*, de janeiro de 1934.

No cabeçalho do texto do editorial (fig. 5), que permaneceu inalterado por todos os anos 1920 e 1930, registrava-se uma vinheta com desenho em preto e branco que aliava o passado e o presente – a Grécia, berço da civilização europeia, e o Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, capital da jovem nação brasileira. A tradição da antiguidade clássica vinha representada com um templo dórico ao fundo e duas figuras de perfil, à moda grega (talvez Ícaro e Dédalo), sendo a figura alada, de braço estendido e dedo indicador teso, apontando para um horizonte longínquo – o Rio de Janeiro. O desenho utilizava efeitos de modelagem e todos os detalhes eram muito bem definidos, tal qual se demandava de um bom desenho pelo método acadêmico. Do lado direito, apareciam palmeiras em primeiro plano e ao fundo o perfil do Pão de Açúcar e demais montanhas, definindo os limites da baía de Guanabara, em um desenho sintético e de fortes contrastes. Aquela jovem cidade (se comparada à Atenas) se colocava em perspectiva de um promissor futuro – a modernidade – aprazível e bela, capaz de ser uma digna representante da civilização europeia nos trópicos, uma modernidade que não se esquecia do passado e da tradição e até os respeitava.



Figura 5. Cabeçalho da página do editorial da revista *A Casa*, n. 76, agosto de 1930.

Em janeiro de 1930, a capa da revista apresentava o subtítulo “A revista das construções modernas” e exibia a fotografia de uma casa de dois pavimentos, com o Pão de Açúcar ao fundo (fig.1). Frente à exuberante natureza, a casa que mostrava limpeza ornamental patente sem os arrojos da vanguarda, aparentava sua atualidade civilizadora e o quanto a cidade se potencializava como um lugar que sabia acolher o moderno. O entorno, com rua e calçada pavimentadas e postes que carregavam a luz elétrica insuflavam a ideia de uma cidade cosmopolita em meio à imponência da natureza, como um reflexo que representava o desejo de todo um país de ordem e progresso.

Se a cidade do Rio se mostrava na revista, com suas múltiplas facetas modernas, suas páginas também ofereciam espaço para divulgação de experiências estrangeiras, veiculando reportagens sobre casas europeias e americanas dos mais afamados arquitetos, como Le Corbusier, esclarecendo que diferentes arquiteturas provinham de realidades distintas. Em 1932, no curioso “Os dez mandamentos do bom assinante”, em seu oitavo item, constava a premissa de “Não cobiçarás outras revistas estrangeiras e mais caras, porque estas de pouca valia te serão”.¹⁸ Não adiantava, assim, buscar referências e premissas estrangeiras porque a realidade brasileira deveria ser interpretada pelos profissionais locais, sabidos das demandas nacionais.

¹⁸ A CASA, n. 93, fev. 1931, p. 5.

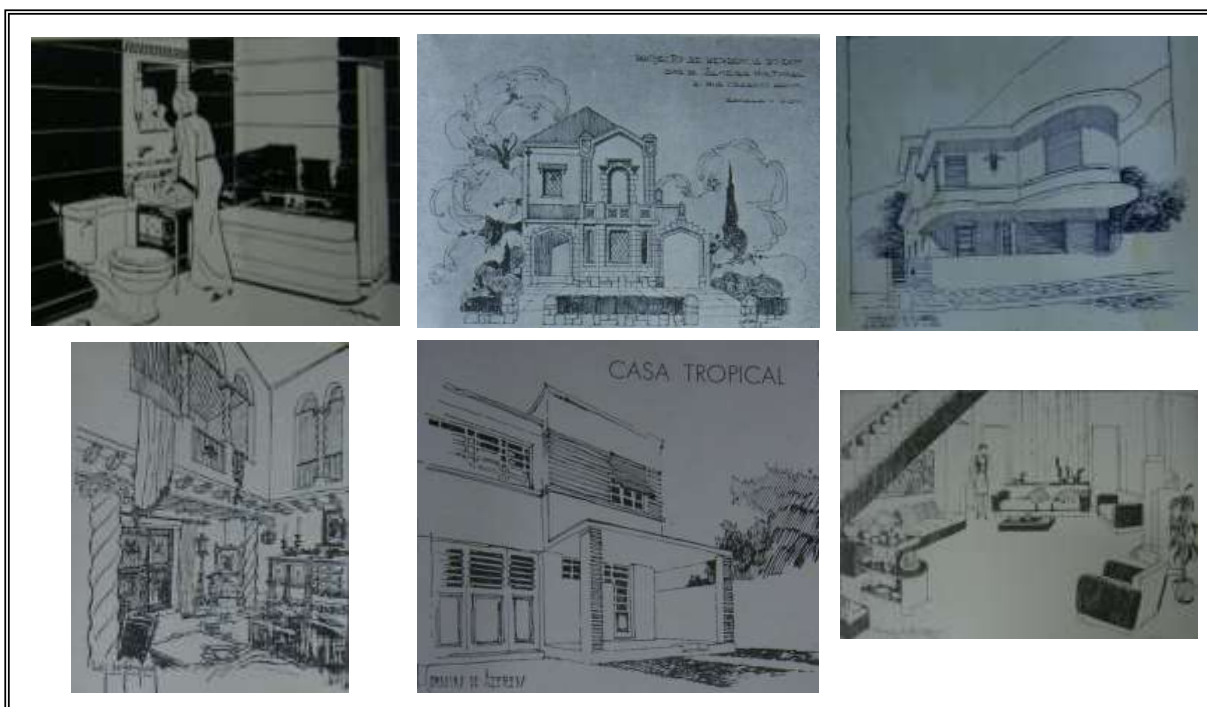


Figura 6. Tipos de linguagens de casas e interiores apresentadas na revista *A Casa*.

Figura 6A. Imagem da propaganda da loja Miguel Plubins & C. de louça e equipamentos sanitários, localizada na Praça Tiradentes, 52. Rio de Janeiro. *A Casa*, n. 167, abril 1928, p. 4.

Figura 6B. Projeto de residência para o Sr. Almeida Portugal. Projeto de Paulo Pires e Paulo Santos. Rua Buenos Aires, 81 – 3º - Rio. *A Casa*, n. 72, abril 1930, p. 15.

Figura 6C. Projeto de casa. J. Cordeiro de Azeredo. *A Casa*, n. 90, novembro 1931.

Figura 6D. Arranjos internos. Luiz de Gongora. *A Casa*, n. 97, junho 1932, p. 12.

Figura 6E. Projeto para casa tropical. J. Cordeiro de Azeredo. *A Casa*, n.109, junho 1933, p. 19

Figura 6F. Detalhe de hall de apartamento situado na Av. Brasil, Jardim Paulista, São Paulo. Projeto de Alfredo Ernesto Becker. *A Casa*, n. 191, abril 1940, p. 11.

E as expectativas nacionais para casas modernas eram diversas. Em um apinhado dos artigos e propagandas que sugeriam ou apresentavam casas (fig. 6), pode-se observar a diversidade de opções. Em fins da década de 1920, J. Cordeiro de Azeredo apresentou o projeto “Residência moderna inspirada no colonial brasileiro”, quando afirmava

O seu pátio de grandes lages, o vestibulo rico em motivos decorativos e outras peças características, inspiram a mesma poesia dos velhos solares do século XVIII, aliada às condições de comodidade e conforto de uma perfeita residência moderna.¹⁹

A modernidade poderia vir em diversas roupagens, mas não se abria mão da comodidade e conforto. E o que parecia inconciliável – o passado e a modernidade – encontrava uma possibilidade de negociação.

¹⁹ A CASA, nov. 1928.



Figura 7. Artigo “Qual das duas?”, de autoria de J. Cordeiro de Azeredo. *A Casa*, julho de 1935, p. 8-9.

Em reportagem de julho de 1935, perguntava-se “Qual das duas?” [casas] o leitor escolheria (fig. 7). A mesma planta com estilos diferentes:

Ambos os estylos são originaes, movimentados e adaptam-se perfeitamente à mesma planta.

(...)

Um é sóbrio, deixa transparecer a sociedade moderna, o meio a época; o outro é decorativo, calmo, íntimo e tem o quer que seja de lar, de íntimo.²⁰

O próprio arquiteto J. Cordeiro de Azeredo, autor dos projetos, oferecia as opções de escolhas:

A pensar pelo que vae no mundo, relativamente à sociedade, temos que pender para o moderno, mas se pretendemos a poesia, o outro é admirável também.

O estylo moderno não corre o risco de cair de moda. Elle é simplesmente o fruto da época e reflecte bem a sociedade.²¹

A boa-vida²² era gerada por casas confortáveis e aprazíveis, passíveis de assumirem diversas roupagens: racionalistas, *art déco*, estilo missões, neocolonial (ou

²⁰ Qual das duas? *A Casa*, julho de 1935, p. 8.

²¹ *Ibidem*, p. 8-9.

²² ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida*. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

como traduzido pelos engenheiros “estyló goiabada”²³) ou híbridos entre essas correntes e resquícios historicistas europeus, mas todas adaptadas às demandas locais. E isso não implicava somente a fachada, mas especialmente os interiores, como lembra a reportagem intitulada “Preocupemo-nos com os interiores”, assinada pelo arquiteto J. Cordeiro de Azeredo, de setembro de 1930, ou mesmo antes disso, a exemplo do artigo “Decoração Interna”²⁴, ou “A casa e o mobiliário”²⁵. Uma casa compunha-se de seu exterior, responsável por assumir imagem mais pública e compor o cenário urbano, mas pessoas viviam nos seus espaços interiores e a boa-vida era usufruída portas adentro. E a revista *A Casa* compartilhava da assertiva, apresentando muitos interiores, em projetos e fotografias, e orientações para a decoração dos lares, enfatizando sua importância para construção da personalidade de uma residência.

Os projetos veiculados na revista constavam do desenho ou perspectiva da fachada e plantas baixas ou, em caso de projetos construídos, fotografias dos interiores e as plantas baixas. Os comentários eram poucos e a ênfase recaía na leitura visual do projeto, incentivando o leitor a se familiarizar com representações de projetos arquitetônicos, que davam conta da subdivisão espacial, da proporção dos cômodos, da articulação dos setores. Quando as fotografias se tornaram mais frequentes, pouco se empregavam as legendas, pois, segundo os editores, “que, pela perfeita clareza dispensam-nos maiores comentários”²⁶. O uso mais alargado da fotografia também assegurava a condição de modernidade da própria revista e de sua reputação, capaz de estar sempre apresentando imagens de novas casas existentes pelo eixo Rio-São Paulo. A primeira capa a apresentar uma fotografia de interiores foi a de número 84, de maio de 1931, mas que não se constituiu padrão, imperando imagens de fachadas.

Durante a década de 1930 houve impulso na qualidade gráfica da revista. As impressões se tornaram mais nítidas, tanto imagens de gravuras ou fotografias; o papel melhorou. Os vazios nas páginas foram se ampliando, comparando-se aos interiores representados com menos móveis e objetos e decoração parcimoniosa. Poderíamos considerar que existia um ambiente interior da revista, com a capa correspondendo à fachada, cujas páginas eram preenchidas e organizadas em semelhança às composições dos móveis nos interiores das casas. Na segunda metade da década de 1930, o arranjo interior da revista se valia de grandes áreas vazias, fotografias descentralizadas, por vezes sangrando pelas bordas da página, eliminando a moldura do branco da folha, dando mais destaque à visibilidade do conteúdo da imagem.

A revista *A Casa* não se restringia a construções unifamiliares, mas comentava sobre as casas de vila, casas pequenas, casas geminadas, casa de verão e já considerava a casa de apartamentos, apontando a tendência e oferecendo orientações para a decoração de espaços mais enxutos e até sugestões de casa de apartamento

²³ A CASA, n. 46, fev. 1928, p. 18.

²⁴ Decoração interna. *A Casa*, n. 48, maio 1928, p.3 5.

²⁵ A casa e o mobiliário. *A Casa*, n. 54, outubro 1928, p. 41.

²⁶ A casa do solteiro. *A Casa*, fev. 1930, p. 53.

para solteiros ou jovens casais. Por mais que os principais projetos fossem provenientes de J. Cordeiro de Azeredo e Moacyr Fraga, ambos formados pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) (formação sempre registrada), havia espaço para demais arquitetos: Sousa Viterbo, Paulo Santos, Jorge Machado Moreira, Edgar P. Viana, Faro Filho, E. P. Sigaud²⁷. Considerava-se também divulgação de projetos de jovens estudantes, caso de Tupy Brack e Marcelo Roberto, estudantes da ENBA, com o projeto “Estudo, em moderno, de um pavilhão para artista”²⁸ e Anibal de Melo Pinto, aluno de Warchavchik, cursando o quarto ano na ENBA, que apresentou “casa para dois amigos”²⁹, composta de sala, dois quartos, cozinha e banheiro, valendo-se das premissas da arquitetura racionalista (planta modular, formas quadrangulares nos cômodos e nos vãos, janela de canto, cobertura em laje-terraço, marquise para proteção da porta de entrada, composição em linhas e planos retilíneos e limpos), e da representação da perspectiva cavaleira³⁰, sublinhando sua adesão à vanguarda. Esclarecia-se a adesão da revista às experimentações, aos novos talentos no campo da arquitetura e da decoração.

Por mais que ainda se publicassem as ordens arquitetônicas greco-romanas, estilos europeus (Luís XIV, Luís XV) e americanos (espanhóis na Califórnia), o colonial brasileiro e marajoara, questões de higiene da habitação e de novas tecnologias e materiais contemporâneos eram exploradas, como, por exemplo, reportagens sobre vidro aramado, ventilação de aparelhos sanitários, fogões a gás, produtos de cimento armado.

Os anunciantes de móveis mais assíduos eram a Fábrica de Móveis Lamas (fig. 8A) e Laubisch-Hirth (Mobiliário moderno, criações individuais, decorações, tapeçarias) (fig. 8B). Seus anúncios se valiam de imagens de projetos para móveis de linhas geométricas, ao gosto *art déco*, considerando-a aquela que melhor se adequava aos interiores modernos propostos pela revista *A Casa*. Ambas as empresas também executavam móveis de outros estilos (Laubisch-Hirth era afamada pelos seus móveis neocoloniais), como os historicistas europeus ou coloniais brasileiros, cujas imagens eram veiculadas em outros periódicos, chamando atenção para a direção das escolhas dos anunciantes conforme o grau de modernidade oferecido pelo periódico. Mesmo que estivessem presentes outras firmas de mobiliário – Leão dos Mares e Otto Schutte Filho, de gostos mais tradicionais, com talhas e volteios – os móveis Lamas e Laubisch-Hirth dentro do ambiente da revista *A Casa* preferiam se apresentar por meio de imagens sintéticas, de fortes contrastes, ou com projetos de móveis

²⁷ Outros nomes de profissionais com projetos divulgados foram: Jorge Würz, Rapahel Galvão, J. Sousa Camargo, Armando Telles, Luiz de Gongora, Leopoldo Querioz, Ernesto Dolleschel, Angelo Bruhns, Italo Braile França, Jacy Rosa.

²⁸ A CASA, n. 45, janeiro 1928, p. 22-23.

²⁹ Casa para dois amigos. *A Casa*, set 1931.

³⁰ Perspectiva cavaleira é um tipo de projeção oblíqua em que a face frontal da figura fica paralela ao plano de projeção, correspondendo à sua medida real. As laterais são representadas por linhas com os mesmos ângulos, diferentes de 90°. Assim, não há ponto de fuga como na perspectiva linear, cuja representação dá a sensação de espaço real.

de linhas geométricas e sem ornamentos, optando por um tipo mais restrito de modernidade.



Figura 8. Propagandas de móveis na revista *A Casa*.

Figura 8A. Propaganda da Fábrica de Móveis Lamas com projeto de estante, secretária e armário, para recanto de sala ou gabinete. *A Casa*, n. 135, out. 1935, p. 19.

Figura 8B. Propaganda da empresa Laubisch-Hirth. *A Casa*, n. 98, jul. 1932, p. 32.

Se eram engenheiros e arquitetos a assumirem o comando da revista, parte de sua produção buscou também atingir as donas de casa, com especial ênfase no tema da decoração. Se inicialmente o apelo feminino se valia de artigos de moda e trabalhos manuais (início dos anos 1930), na seção Trabalhos domésticos (que sobreviveu por apenas alguns números), aos poucos a mulher assumia papel mais ativo em outras atividades, como por exemplo, forrar as paredes de papel³¹, chegando até a assinar artigos “A casa do futuro”³² e “Casa...”³³, acompanhados das imagens de seus graciosos rostos com cabelos encurtados e olhares altivos, lembrando da importância de terem conseguido voz em meio masculino.

Se eram os rostos femininos que se estampavam nos artigos, ainda se valiam do corpo como atração do anúncio da empresa Eugênio Florência o Cia., responsável por “quartos de banho coloridos e de luxo”. A propaganda de página inteira divulgava uma banheira-box em louça branca, cercado de parede e cortina decoradas com mesmo padrão, onde a moça sorridente tomava uma ducha, deixando-se fotografar de corpo inteiro, completamente nua. De costas, com pose artificial e o jorro

³¹ Como se aplica o papel pintado. *A Casa*, n. 88, set. 1931, p. 27-30.

³² CARVALHO, Ítala Gomes Vaz de. A casa do futuro. *A Casa*, n. 140, jan. 1936, p. 9-10. Ao fim do artigo havia uma nota da redação chamando atenção para o fato de que depois de 15 anos de existência, a revista apresentava pela primeira vez um escrito de autoria feminina, fato que pretendia inaugurar uma nova feição à revista.

³³ DIAS, Carmen de R. Annes. Casa... *A Casa*, n. 141, fev. 1936, p. 9-10.

da água pintado sobre a fotografia, o cenário deixava claro o quanto arraigado ainda estavam certos preconceitos de gênero. Mulher-objeto e mulher-objetiva disputavam espaço em *A Casa*.

Mesmo que a revista apresentasse projetos de decoração assinados por homens (Salomon & Kunz Decoradores, Luiz de Gongora, John Graz, Alfredo Ernesto Becker), o tema mantinha-se inclinado ao gênero feminino:

A revista *A Casa* tendo em vista as grandes dificuldades com que lutam as nossas donas de casa em escolher modelos para o arranjo dos interiores resolve criar uma seção especial a cargo de uma grande artista, educada em Paris, que não só falará de um modo geral sobre esta nobre arte dos interiores mas também para cada caso particular suscitado pelos leitores da *A CASA*.³⁴

Assinava a seção a artista Eglantine, com artigos ilustrados por meio de desenhos da autora, que se utilizava de expressões em francês, como *toile radier*, *chaise longue*, *cellulosique*, *faience*, *velours*, mas não deixava de usar *living room*, mostrando que as referências francesas e americanas estavam em negociação e a tradição decorativa francesa cedia terreno para os hábitos de viver americanos. Eglantine publicou em fins de 1936 e em 1937 os seguintes artigos: “O arranjo da vivenda”,³⁵ “Os encantos do lar”,³⁶ “Tapetes na decoração”,³⁷ “Sol nos dormitórios”,³⁸ “Nossa casa de campo”,³⁹ “Móveis de jardim e varanda”,⁴⁰ “Recepção ao ar livre”,⁴¹ “A cozinha”⁴², “O momento atual da decoração interna”⁴³. Diferente dos discursos moralistas e pedagógicos da decoração dos lares de entresséculos,⁴⁴ chamava-se atenção para os aspectos práticos, em termos organizacionais e de saúde, e apontavam-se hábitos que colocavam a exterioridade (varanda, ar livre, campo) em complementação às questões espaciais de dentro. A decoração podia ser tema moderno e se consentia nesse momento à mulher brasileira a atuação nesse campo profissional (fig. 9).

No projeto de sala conjugada (fig. 9A) – sala de estar e sala de jantar, ou para os mais modernos, living room – através das cortinas em tecido fino, vislumbra-se a baía de Guanabara. É uma sala de linguagem moderna para a cidade do Rio de Janeiro, como sugere Eglantine, com pleno domínio dos seus princípios. O que a decoradora visivelmente não domina são as leis da perspectiva porque muito provavelmente não frequentou os bancos das academias e das escolas superiores, onde o de-

³⁴ A CASA, n.156, maio 1937.

³⁵ A CASA, n.151, dez. 1936, p.19.

³⁶ EGLANTINE. Os encantos do lar. *A Casa*, n.156, maio de 1937, p.24-25.

³⁷ EGLANTINE. Tapetes na decoração. *A Casa*, n.157, jun. 1937, p.22.

³⁸ EGLANTINE. Sol nos dormitórios. *A Casa*, n.157, jun. 1937, p.23-24

³⁹ EGLANTINE. Nossa casa de campo. *A Casa*, n. 158-159, jul.-ago. 1937, p.39-40.

⁴⁰ EGLANTINE. Móveis de jardim e varanda. *A Casa*, n. , set. 1937, p.20

⁴¹ EGLANTINE. Recepção ao ar livre. *A Casa*, set. 1937, p.21-25.

⁴² EGLANTINE. A cozinha. *A Casa*, n.161, out. 1937, p.21-22.

⁴³ EGLANTINE. O momento atual da decoração interna. *A Casa*, n. 162-163, nov. –dez. 1937, p.20.

⁴⁴ MALTA, Marize. *O olhar decorativo*, op.cit., p.37-57.

senho se constituía a principal ferramenta e linguagem de artistas, arquitetos e engenheiros (fig.6), deixando claro que a modernidade não atuou de forma homogênea em relação ao acesso à profissionalização e à atuação social de diferentes gêneros.

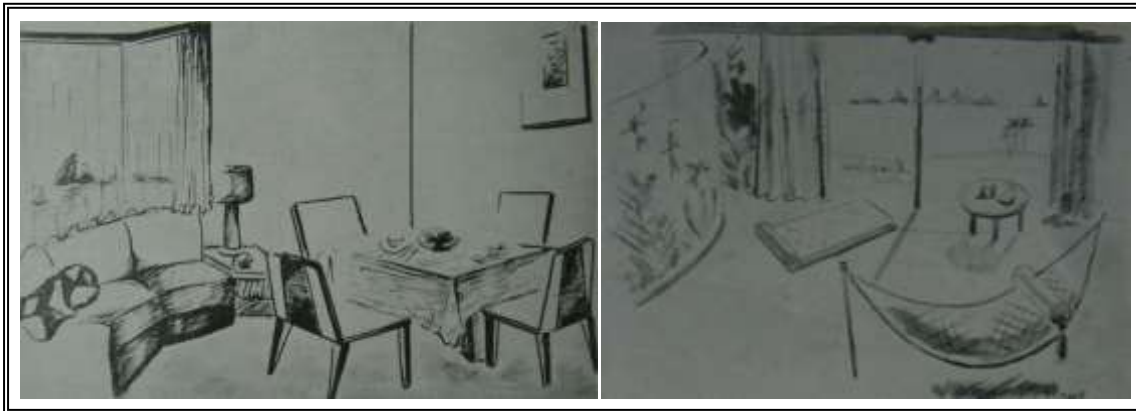


Figura 9. Projetos de decoração de autoria feminina na revista *A Casa*.

Figura 9A. Projeto para “Levin-room” de autoria de Eglantine. Segundo sua orientação, cadeiras e mesa em madeira seriam laqueadas em “gris argent”, os estofamentos em azul natier e cortinas em branco. *A Casa*, n. 161, out. 1937, p. 22.

Figura 9B. Projeto para terraço à beira-mar de autoria de Hila de Hann. O toldo seria de cor laranja. Haveria um viveiro de pássaros à esquerda, pois “As penugens multicores e vivas são um grande prazer para os olhos e forma contraste com a calma luminosa da paisagem. Quando alguém se recostar na rede leve e elegante, sentirá as horas correrem deliciosas ante a bahia azul”. *A Casa*, out. 1938, p. 19.

Em fins de 1938 e durante o ano de 1939 a decoradora Hila de Hann assinou alguns artigos, grande parte em parceria com o arquiteto Michel B. Kamenka, provavelmente dois estrangeiros: “Quartos de dormir: princípios e características”,⁴⁵ “O problema do armário”,⁴⁶ “Plantas no apartamento”,⁴⁷ “Uma casinha de campo: sonho realizável”,⁴⁸ “Bars de apartamento”,⁴⁹ “Quarto das crianças”.⁵⁰ Hila seguiu os passos de Eglantine e garantiu voz feminina na revista, apresentando suas sugestões em desenho (fig. 9B). Também o ano de 1939 marcou publicidade dos trabalhos têxteis de Regina Graz: “Tapete mural decorativo”.⁵¹

Hila e Eglantine não sabiam se expressar bem graficamente como os arquitetos, mas seus conselhos práticos seriam capazes de tornar os ambientes da moradia em lugares aprazíveis. Se a moral perdia importância, o prazer ganhava espaço, le-

⁴⁵ HANN, Hila de; KAMENKA, Michel B. Quartos de dormir: princípios e características. *A Casa*, n. 174-175, nov.-dez. 1938, p. 17-23.

⁴⁶ HANN, Hila de; KAMENKA, Michel B. O problema do armário. *A Casa*, n. 176, jan. 1939, p. 17-21.

⁴⁷ HANN, Hila de. Plantas no apartamento. *A Casa*, n. 177, fev. 1939, p. 17-19.

⁴⁸ HANN, Hila de; KAMENKA, Michel B. *A Casa*, n. 178-179, mar.-abr. 1939, p. 17-22.

⁴⁹ HANN, Hila de. Bars de apartamento. *A Casa*, n. 180, maio 1939, p.17-20.

⁵⁰ HANN, Hila de; KAMENKA, Michel B. O quarto das crianças. *A Casa*, n. 181, jun. 1939, p. 28-31.

⁵¹ GRAZ, Regina Gomide. Tapete mural decorativo. *A Casa*, n. 177, fev. 1939, p. 16.

vando as habitações a serem lugares para uma “vida suave e doce”, como proclamava o artigo “Lar de hoje”⁵². Em contraponto, a decoração mantinha seu compromisso pedagógico nos ambientes infantis: “Um quarto apropriadamente decorado é de importância capital, na educação e sentimento a desenvolver-se na criança”⁵³. Qualquer quer fosse a idade e o gênero, vários eram os fatores a convencerem os leitores e as leitoras a consumirem casas modernas, especialmente do lado de dentro.

O que é notável é a significativa quantidade de artigos com temas ligados à decoração, alguns de autoria masculina: “Preocupemo-nos com os interiores”⁵⁴, “A evolução dos interiores”⁵⁵, “Considerações sobre a casa moderna”⁵⁶, “Habitação da criança”⁵⁷. A maioria, contudo, não vinha assinada e fica-se na dúvida quanto ao gênero de suas autorias. Por outro lado, toda vez que uma mulher assumia autoria de algum texto ou projeto, os editores faziam questão de registrar ou mesmo destacar o feito, o que nos faz presumir que as orientações sobre a decoração das casas tenham sido protagonizadas por homens, arquitetos e engenheiros, profissionais constantes na revista.

Dos textos anônimos, podemos listar alguns, em ordem cronológica: “Decoração interna”⁵⁸, “Os acessórios (sic) das casas modernas”⁵⁹, “A pintura do sorriso. Decorações de casa e mobiliários. Como se trabalha com o ‘laqué’”⁶⁰, “A personalidade de uma casa. Architectura de interior, decoração e mobiliário”⁶¹, “Simplicidade e modéstia no arranjo do lar”⁶², “Os móveis práticos”⁶³, “O móvel moderno”⁶⁴, “Os livros”⁶⁵, “Cozinha (sic) original”⁶⁶, “Hall moderno”⁶⁷, “A iluminação adequada a uma sala de jantar”⁶⁸, “O estylo e o mobiliário”⁶⁹, “Os móveis e os interiores”⁷⁰, “Um salão moderno”⁷¹, “A decoração da casa. Vestíbulo”⁷², “O tamanho exacto”⁷³, “Sala

⁵² Lar de hoje. *A Casa*, n.130, mar. 1935, p. 20-21.

⁵³ A decoração da casa. O quarto da criança (sic). *A Casa*, n. 104, jan. 1933, p. 20-21.

⁵⁴ AZEREDO, J. Cordeiro de. Preocupemo-nos com os interiores. *A Casa*, n. 77, set. 1930, p. 17-18.

⁵⁵ A., J. C.; J., B. A evolução dos interiores. *A Casa*, n. 147, ago. 1936, p. 10-12.

⁵⁶ A., J. C. Considerações sobre a casa moderna. *A Casa*, set. 1937, p. 27-28.

⁵⁷ ELLIO, W. G. Habitação da criança. *A Casa*, n. 183, ago. 1939, p. 38-39.

⁵⁸ Decoração interna. *A Casa*, n. 49, maio 1928, p. 35-37.

⁵⁹ Os acessórios (sic) das casas modernas. *A Casa*, n. 52, ago. 1928, p. 18-20.

⁶⁰ A Decorações de casa e mobiliários. Como se trabalha com o ‘laqué’. *A Casa*, n. 55, nov. 1928, p. 43-46.

⁶¹ A personalidade de uma casa. Architectura de interior, decoração e mobiliário. *A Casa*, n. 70, fev. 1930, p. 19-22.

⁶² Simplicidade e modéstia no arranjo do lar. *A Casa*, n. 82, mar. 1931, p. 16-19.

⁶³ Os móveis práticos. *A Casa*, n. 83, abr. 1931, p. 14.

⁶⁴ O móvel moderno. *A Casa*, n. 83, abr. 1931, p.18-20 e 33.

⁶⁵ Os livros. *A Casa*, n. 84, maio 1931, p. 14-15.

⁶⁶ Cozinha original. *A Casa*, n. 84, maio 1931, p. 20.

⁶⁷ Hall Moderno. *A Casa*, n. 85, jun. 1931, p. 16.

⁶⁸ A iluminação adequada a uma sala de jantar. *A Casa*, n. 95, abr. 1932, p. 26-28.

⁶⁹ O estylo e o mobiliário. *A Casa*, n. 96, maio 1932, p. 4.

⁷⁰ Os móveis e os interiores. *A Casa*, n. 97, jun. 1932, p. 3-4 e 20.

⁷¹ Um salão moderno. *A Casa*, n. 98, jul. 1932, p. 26.

⁷² A decoração da casa. Vestíbulo. *A Casa*, n. 99, ago. 1932, p. 20-21.

⁷³ O tamanho exacto. *A Casa*, n. 100-101, set.-out. 1932, p. 21-23.

de estar”[sobre iluminação da],⁷⁴ “Os vestíbulos”,⁷⁵ “Como se deve aproveitar uma peça inútil”,⁷⁶ “Um quarto antigo modernizado (sic)”,⁷⁷ “Sala de jantar moderna”,⁷⁸ “Decoração de interiores”,⁷⁹ “O lar de hoje”,^{80 81 82 83}, “Interiores”,⁸⁴ “Decoração das paredes”,⁸⁵ “Quarto de criança”,⁸⁶ “Cozinhas”,⁸⁷ “Melhoramentos na cozinha”.⁸⁸

O termo moderno esteve constantemente presente. Conforto, ordem, funções (atividades) separadas foram itens comentados com frequência. Comedimento na decoração foi considerado atitude relevante. Iluminação farta e homogênea e cores claras em paredes, tetos e pisos eram fatores primordiais para ambientes que quisessem criar uma atmosfera com alegria de viver. Segundo os discursos da revista *A Casa*, ser moderno seria assumir uma jovialidade de comportamento e estar propenso à felicidade.

Dos vetustos ambientes de outrora, ainda insistentes em algumas casas do Rio de Janeiro, a revista *A Casa* apostava nos benefícios da modernidade. Das múltiplas possibilidades de ser moderno, a revista *A Casa* afirmava:

De fato, a casa é o lugar onde o espírito descansa das atribuições da vida e o corpo se refaz das forças esgotadas. Nela, portanto, tudo deve estar disposto de modo a favorecer o bem estar de que se necessita. E esse bem estar se proporciona não só pelas disposições sensatas e lógicas dos aposentos, como, principalmente, pelo arranjo do mobiliário, pela decoração interna e pelos acabamentos.⁸⁹

Se na década de 1920, os conselhos para a decoração das casas foram acompanhados de poucas imagens e exemplos de casas existentes, imperando um olhar mais arquitetônico, ao longo da década de 1930, foram muitos os interiores retratados, realçando o quanto a modernidade estava sendo introjetada pelas casas portas adentro.

O tema da decoração foi crucial para o discurso da domesticidade⁹⁰ durante

⁷⁴ Sala de estar. *A Casa*, n. 102, nov. 1932, p. 17-19.

⁷⁵ Os vestíbulos. *A Casa*, n. 104, jan. 1933, p. 11-12.,

⁷⁶ Como se deve aproveitar uma peça inútil. *A Casa*, n. 105, fev. 1933, p. 18.

⁷⁷ Um quarto antigo modernizado. *A Casa*, n. 106-107, mar.-abr. 1933, p. 18.

⁷⁸ Sala de jantar moderna. *A Casa*, n. 108, mar. 1933, p. 24.

⁷⁹ Decoração de interiores. *A Casa*, n. 114, nov. 1933, p. 12-13.

⁸⁰ O lar de hoje. *A Casa*, n. 122, julho de 1934, p. 24-26.

⁸¹ O lar de hoje. *A Casa*, n. 125, out. 1934, p. 5-6.

⁸² O lar de hoje. *A Casa*, n. 126, nov. 1934, p. 25.

⁸³ O lar de hoje. *A Casa*, n. 127, dez. 1934, p. 17 e 32.

⁸⁴ Interiores. *A Casa*, n. 123, ago. 1934, p. 26-27.

⁸⁵ Decoração das paredes. *A Casa*, n. 164, jan. 1938, p. 29-30.

⁸⁶ Quarto de criança. *A Casa*, n. 161, mar. 1938, p. 43-44.

⁸⁷ Cozinhas. *A Casa*, n. 176, jan. 1939, p. 41-43.

⁸⁸ Melhoramentos na cozinha. *A Casa*, n. 181, jun. 1939, p. 44.

⁸⁹ A CASA, n. 55, nov. 1928, p. 43.

⁹⁰ TROY, Nancy J. Domesticity, decoration and consumer culture: selling art and design in pre-world war in France. REED, Christopher (ed.). *Not at home*. The suppression of domesticity in modern art and architecture. London: Thames and Hudson, 1996, p. 113-129.

boa parte do século XIX e início do XX e encarada como palavra maldita pelos artistas e arquitetos de vanguarda no século XX⁹¹. A revista *A Casa* enfrentou o desafio de pronunciá-la e colocá-la em meio a arquitetos e engenheiros.

Do *parquet* às fossas, das marcenarias às metalurgias, dos bufês sofisticados às geladeiras, das fachadas rebuscadas neocoloniais ou missões aos volumes geométricos *art déco* ou de vanguarda, do cimento às almofadas, dos projetos em desenhos às realidades fotográficas, das salas arejadas aos banheiros e cozinhas decorados e organizados, as páginas da revista *A Casa* apresentavam não um modo, mas vários caminhos para ser moderno, sabendo que a modernidade passava por muitas negociações e embates:

– Você não imagina, Alice, como vou triste para casa, depois de ter passado algumas horas agradáveis em sua linda residência moderna. Sem falar no seu delicado gosto em arranja-la artisticamente, noto que tudo ahi foi estudado racionalmente, desde a sala até a cozinha. Esta, então, é um primor de limpeza e comodidade. Não encontro nenhum espaço perdido.

– Ora, Lili, não resta duvida de que a minha casa é confortavel porque todas as peças foram estudadas cuidadosamente pelo architecto. Disse-lhe minuciosamente o que queria e dei-lhe plena liberdade de acção. Devo, porem, confessar-lhe que a disposição interna do mobiliario, quadros e tapeçarias, foi feita por mim.⁹²

O velho e o novo eram confrontados na conversa simulada entre duas amigas no artigo “Como aproveitar alguns espaços perdidos”. Lili morava em um casarão antigo, cheio de grandes aposentos e espaços ociosos. Alice, em sua “residência moderna”, convivia com ambientes em número suficiente, limpos, cômodos e ordenados “racionalmente”, decorrentes de um plano lógico comandado por um profissional – o arquiteto – e complementado pela dona da casa, atualizada com os preceitos da modernidade, aprendidos provavelmente pelas páginas da revista *A Casa*. Mas Lili não podia mudar de casa nem reformá-la por inteiro. Com ajuda de Alice, os espaços interiores foram rearranjados e seu lar ganhou outro aspecto, fazendo tecer o comentário: “– Você, de facto, tem idéias geniais; já estou prevendo o efeito que irá produzir esse arranjo”.⁹³ As ideias de modernidade provocavam muitos efeitos... Velha, a casa de Lili podia ser moderna porque a modernidade era ideia antes de ser matéria. E atraía felicidade.

Segundo a revista, o casamento feliz unia decoração e arquitetura. A mulher e o homem modernos atuavam em conjunto, um complementando o outro, para a criação de casas claras e arejadas, edificadas com materiais e técnicas atuais, preenchidas com poucos móveis e muito espaço. Era preciso saber concretizar um bom

⁹¹ GOMBRICH, Ernst. *The sense of order: the study in the psychology of decorative art*. London: Phaidon, 2006, p. 62.

⁹² Como aproveitar alguns espaços perdidos. *A Casa*, n. 142, mar. 1936, p. 35-36.

⁹³ *Ibidem*, p. 36.

casamento, equilibrando os conhecimentos profissionais com os talentos e a personalidade. Era necessário bem projetá-lo, como a casa que abrigaria esse casal ideal. Independente de a casa ser desenhada com esmero e de usar esse ou aquele estilo, de ser arquiteto ou decoradora, ser moderno era ter *A Casa*.

Artigo recebido em 13 de julho de 2016.

Aprovado em 12 de novembro de 2016.